

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Euclides Neto, A ficção tecida entre cacauzeiros e umbuzeiros

Ana Sayonara Fagundes Britto Marcelo¹

RESUMO: Duas narrativas ficcionais do escritor baiano Euclides José Teixeira Neto (1925-2000), *Os magros* (1961) e *A enxada e a mulher que venceu o próprio destino* (1996), são analisadas considerando as relações entre ficção, realidade empírica e narrativa histórica. A análise busca desfazer a dicotomia entre ficção e realidade e recorreu aos estudos de Wolfgang Iser (1966, 2002), para quem os “atos de fingir” são construídos a partir do uso de três recursos: a “seleção”, a “combinação” e o “desnudamento de sua ficcionalidade”. Estes elementos constitutivos da ficcionalidade são evidenciados, bem como as reflexões sobre a escrita historiográfica e suas implicações, a partir dos estudos de Peter Burke (1992). Tanto o texto ficcional quanto o historiográfico pode remeter ao real a partir de recortes, que refletem escolhas subjetivas de um escritor. O romance *Os magros* denuncia a exploração dos trabalhadores rurais na região cacauzeira baiana e expõe os contrastes sociais e econômicos entre latifundiários e agregados. Tais contrastes sociais são expostos tanto na seleção dos fatos ficcionalizados, quanto na estruturação dos capítulos do romance. Numa linguagem ora metafórica ora objetiva e direta, o romance *A enxada e a mulher que venceu o próprio destino* apresenta uma protagonista capaz de subverter a opressão, na qual os trabalhadores rurais estavam inseridos, e reconstruir a dignidade perdida.

Palavras-chave: Os magros; A enxada; Realidade, Ficção, História.

É que a matéria prima do escrevinhador é a vida, lambuzada de imaginação, e essa, às vezes, copia a arte.

Euclides Neto. *Os genros*, 1981.

Entre cacauzeiros, João – protagonista do romance *Os magros* – e sua família vivenciam a exploração, a fome e a morte, e entre umbuzeiros, Albertina, protagonista de *A*

¹ Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié e da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XXI, Ipiaú. Mestra em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia (PPGEL–UNEB), Campus I, Salvador. Linha de Pesquisa: Leitura, Literatura e Identidades. Orientadora: Prof^a Dr^a Verbena Maria Rocha Cordeiro. E-mail: amarcelo@uneb.br.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

enxada e a mulher que venceu o próprio destino, pôde sobreviver com a família por dois meses, alimentando-se apenas de seu fruto. Tiraram dele forças para trabalhar e viram o fruto do trabalho brotar da terra e servir de alimento, de alento e de redenção para a família.

São três décadas que separam esses dois personagens, considerando o ano de publicação dos romances, *Os magros*, em 1961 e *A enxada e a mulher que venceu o próprio destino*, em 1996. Os fatos de *Os magros*, referentes à vida de João e sua família, se desenvolvem na fazenda Fartura, produtora de cacau, localizada na região cacauceira da Bahia². Situada na mesorregião Sul Baiano, essa região tornou-se conhecida pela produção do “fruto de ouro”. A narrativa se passa em dois espaços, na fazenda Fartura e em Salvador, capital baiana, onde vive Jorge, patrão de João, proprietário do latifúndio. Interessa-me, no momento, o espaço onde brota o fruto responsável pelo desenvolvimento de toda a microrregião:

Durante décadas, generosamente, os cacauais produziram os frutos que trariam riqueza, prosperidade, ganância, morte, vida, geraram e sustentaram fazendas, vilas, cidades; construíram o porto de Ilhéus, escolas, estradas, mansões; propiciaram viagens, festas, orgias; financiaram coronéis, estudantes, banqueiros, políticos. [...] O cacau trouxe a riqueza, mas também a pobreza. Trouxe fartura, mas também escassez (ROCHA, 2008, p. 14).

É a partir dessa fartura e dessa escassez que a ficção de *Os magros* é tecida. A farta região do cacau não traz riqueza e prosperidade para os que habitam e trabalham na terra. A riqueza da região é transferida para cidades como Ilhéus, Itabuna e Salvador, capital do Estado, onde latifundiários e familiares moram, estudam e desfrutam da riqueza. Para os que

² Lurdes Bertol Rocha (2008) salienta que há um uso indiscriminado de termos para descrever ou se referir a essa região, como: zona cacauceira, sudeste da Bahia, região cacauceira, região Sul da Bahia. Por isto, ela recorre às informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para esclarecer a questão: “O IBGE dividiu os estados brasileiros em mesorregiões e microrregiões. No caso da Bahia, são sete mesorregiões, cada uma dividida em microrregiões, num total de trinta e duas. [...] *A região Cacauceira está inserida na mesorregião Sul Baiano*, que é composta de três microrregiões: Microrregião de Valença (Baixo Sul), [...]; *Microrregião Ilhéus-Itabuna (cacauceira)*, com 41 municípios; Microrregião de Porto Seguro (Extremo sul), [...]. De acordo com a Secretaria do Planejamento, Ciências e Tecnologia do Estado da Bahia (SEPLANTEC, 1997), a região Sul da Bahia é caracterizada por uma pluralidade de espaços, os quais possuem identidade própria e autonomia” (ROCHA, 2008, p. 16, grifo meu).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

vivem nas roças de cacau, fica a desnutrição, o analfabetismo, a morte por doenças e pela fome, a falta de moradia digna, a humilhação e a impossibilidade de alterar o curso dos acontecimentos, como vivenciam João e os outros trabalhadores da fazenda Fartura.

A família de João não vive as agruras da seca na qual sofreu a de Fabiano – de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos³, embora a fome e a humilhação a que são submetidos sejam a mesma. Na região cacauceira, espaço escolhido pelo escritor baiano Euclides José Teixeira Neto³ (1925–2000) para desenvolver a trajetória de João, a vegetação original é a Mata Atlântica. Por isso, chove durante todo o ano, “não havendo, [...] uma estação seca definida, apenas menor pluviosidade em agosto, em contraste com o mês de março, quando as precipitações pluviométricas são mais abundantes” (ROCHA, 2008, p. 18). Os solos variam bastante, sendo os de maior fertilidade usados para as lavouras de cacau, os de menor fertilidade servem à pecuária e à silvicultura.

Introduzido na Bahia no final do século XVIII e se firmando como produto dominante um século depois, o cacau, conforme informa Lurdes Rocha a partir do Censo de 1920, “se torna definitivamente importante para a economia sul baiana”:

No caso específico do Sul da Bahia, principal área produtora do Estado e do país, a região vivenciou uma fase de prosperidade sem precedentes, que se estendeu da segunda metade da década de 1970 até meados da década de 1980, período após o qual emergiu numa situação de grandes dificuldades. Os reflexos da crise que se instalou de forma mais aguda no início dos anos 1990 decorrem de uma série de fatores, tais como baixa de preços do produto, política cambial e, em especial, uma doença que acometeu os cacauais da região, a vassoura-de-bruxa [sic] (*Crinipellis perniciosa*). Esses elementos em conjunto, foram responsáveis pela origem de grave crise, cujos resultados, do ponto de vista social, econômico e ambiental, apresentam-se altamente danosos (ROCHA, 2008, p. 14).

³ O escritor foi advogado, prefeito de Ipiáú/BA (1963–1967) e Secretário da Reforma Agrária da Bahia – primeira secretaria do gênero no Brasil (1987–1989). Sua produção literária contempla romances, contos, crônicas, textos memorialistas, um *dicionareco* de expressões regionais e uma coletânea de contos de escritores baianos organizada por ele, totalizando quatorze livros publicados.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Quanto à estrutura fundiária, a pesquisadora ressalta que essa região, a partir da década de 1980, “sofreu um processo de concentração de terras” em mãos de uma minoria⁴. O romance *A enxada e a mulher que venceu o próprio destino* (1996) faz referência a essa concentração de terras, principalmente às consequências dela para os antigos proprietários e suas famílias. Albertina vem de uma família de pequenos proprietários rurais, que após vender as terras, migram para a cidade, fato que transforma a agricultora e seus filhos em exilados no território em que nasceram. Sua trajetória tem início, na trama romanesca, na cidade de Jequié. De lá, parte, humilhada, com os filhos, com fome e sem destino, para depois de quatro dias parar em “uma cascalheira da estrada que vai dar em Contendas do Sincorá”, nas proximidades da “fazendinha vendida por seus pais, há mais de vinte safras de umbu, onde nascera e se criara” (EUCLIDES NETO, 1996, p. 5).

Tanto o município de Contendas do Sincorá quanto o de Jequié estão situados na mesorregião do Centro Sul Baiano. A microrregião de Jequié é área de transição climática entre a zona da mata e a caatinga, o que permite uma variação na produção agrícola e pecuária. Em *A enxada e a mulher que venceu o próprio destino*, Albertina e seus filhos, após instalarem-se novamente numa área rural, nesse espaço de transição, trabalham a terra e produzem a alimentação e os remédios, constroem a moradia e os utensílios domésticos.

A família planta feijão, milho, mandioca, algodão, abóbora, melancia e outras frutas e verduras. Cria gado, cabras, porcos, galinhas, cachorros e caça no mato; de onde vêm a carne, o leite, o queijo, o requeijão, os ovos, o mel e a rapadura. Produz farinha, beiju, sal, doce de umbu, paçoca de gergelim e óleo. Da palha, faz esteiras, vassouras e abanos; do barro, gamelas, panelas, potes, colher, machucador, molheira, entre outros. Do algodão, tece suas roupas e as “precatas” vêm do couro de animais. Produz na roça tudo o que necessita para

⁴ Segundo Rocha (2008, p. 21) “o percentual de propriedades com menos de 10 hectares, que em 1980 ocupava o primeiro lugar (60,90%), em 1996 diminuiu para 38,65%, passando a ocupar o segundo lugar. Enquanto isso, as propriedades que ocupam o último lugar no que se refere à porcentagem total de propriedades, com área acima de 500 hectares, passou de 0,11% para 1,43%, portanto, um crescimento de 1.251,50% o que demonstra o crescimento da concentração de terras em mãos de uma minoria”.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

viver; o que sobra, vende na estrada, troca ou dá aos vizinhos em reconhecimento pela ajuda e amizade.

A ficção de Euclides Neto transita entre esses dois espaços, a zona cacaueteira e a caatinga, onde se inserem duas famílias de cultura rural. Exiladas no espaço onde nasceram, cada uma em seu tempo histórico e em seu espaço físico específico, tentam recuperar a dignidade trabalhando a terra que outrora lhe pertenceu. O que é real e o que é ficção nas trajetórias vivenciadas por João em *Os magros* e Albertina em *A enxada e a mulher que venceu o próprio destino?* Existe uma “ponte” que separa/une a realidade vivida por agricultores baianos e a ficção elaborada pelo romancista?

A temática de *Os magros* (1961) e de *A enxada e a mulher que venceu o próprio destino* (1996), marcante na história recente da Bahia, reporta-se a uma questão discutida por Iser (1996) no primeiro capítulo de seu livro *O fictício e o imaginário*: perspectivas de uma antropologia literária, publicado no Brasil em 1996: “*Os textos ‘ficcionalizados’ serão de fato tão ficcionais e os que assim não se dizem serão de fato isentos de ficções?*” (ISER, 1996, p.13, grifo meu).

Distinguir ficção de realidade empírica parece ser tarefa fácil quando o leitor recorre ao seu “repertório de certezas”, que torna evidente a distinção entre as duas. A relação entre ficção e realidade permite recordar textos da literatura brasileira, nos quais o real é representado com tanta riqueza de detalhes que é possível reconhecer nele passagens de histórias vividas. Diversos textos da literatura brasileira ilustram essa afirmação.

Para exemplificar, cito textos que fazem da relação homem/terra tema imprescindível: *Terras do sem fim*, de Jorge Amado; *Vidas secas*, de Graciliano Ramos e *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. Seus autores destacaram, em suas produções literárias, as marcas de suas experiências de vida. Walter Benjamin (1993) chama a atenção para o fato de que as experiências compartilhadas entre as pessoas constroem os grandes narradores, representados por homens que vivem em sua terra, conhecem “suas histórias e tradições” (BENJAMIN, 1993, p.198). Assim parece que escreveu Euclides Neto ao recompor todo um

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

cenário de exploração e subjugação, retratando as relações de trabalho na região cacauceira da Bahia.

Iser (1996) traz para a discussão que se estabeleceu entre realidade e ficção a noção de *imaginário*. Propondo uma relação tríplice em substituição à dual, ele pretende ressaltar como se constrói o fictício, que se reporta à realidade, entretanto não se esgota no real:

Se o texto ficcional se refere portanto à realidade sem se esgotar nesta referência, então a repetição é um ato de fingir, pelo qual aparecem finalidades que não pertencem à realidade repetida. Se o fingir não pode ser deduzido da realidade repetida, nele então emerge um imaginário que se relaciona com a realidade retomada pelo texto. Assim o ato de fingir ganha a sua marca própria, que é de provocar a repetição no texto da realidade, atribuindo, por meio desta repetição, uma configuração ao imaginário, pela qual *a realidade repetida se transforma em signo e o imaginário em efeito* do que é assim referido.

[...] Quando a realidade repetida no fingir se transforma em signo, ocorre forçosamente uma transgressão de sua determinação. O ato de fingir é, portanto, uma transgressão de limites. Nisso se expressa sua aliança com o imaginário (ISER, 1996, p.14, grifo meu).

Transformar as diferenças entre trabalhadores do cacau e proprietários das terras em signo verbal escrito é uma repetição da realidade, que é transgredida ou, como afirma Coutinho (1978), é transfigurada pelo artista. Criar uma família de proprietários rurais e uma família de agregados às terras desses proprietários e narrar fatos que evidenciam a oposição de classes sociais que as separam e o poder que uma exerce sobre a outra, como em *Os magros*, é realizar a aliança com o imaginário.

O real, que Iser (1996) trata como o que se refere ao mundo extratextual, e o fictício, compreendido por ele como um ato intencional, não se opõem, nem se excluem, mas se relacionam. Se antes a busca era pelo estabelecimento de posições, que reforçavam a dicotomia ficção/realidade, a discussão agora passa pelo estabelecimento de relações entre elas e pela possibilidade de compreender como se processa o fictício no texto ficcional.

Segundo Iser (1996), os *atos de fingir* podem ser construídos a partir do uso de três recursos: a “seleção”, a “combinação” e o “desnudamento de sua ficcionalidade”. Discuto

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

cada um deles, considerando o romance *Os magros* e, posteriormente, *A enxada e a mulher que venceu o próprio destino*.

O texto é produto de um escritor. Cabe-lhe, portanto, determinar como fará a tematização do mundo a que se refere. Assim, é preciso decompor o real para selecionar, dentre os sistemas contextuais pré-existentes, a parcela da realidade a ser transfigurada. Selecionar é fingir, é transgredir os limites. A seleção é necessária ao texto ficcional e permite conhecer os campos de referência do texto, através dos atos de supressão, de complementação e de valorização, operações básicas “da produção do mundo”, como as denomina Nelson Goodman (1978 *apud* ISER, 2002, p.962).

Conhecer os campos de referências do texto possibilita apreender sua intencionalidade, removendo assim a dificuldade e reduzindo o esforço empregado para “desvendar” as intenções do autor. Para Iser (2002) “é provável” que a intenção não se revele na psique ou na consciência do autor, tampouco na inspiração motivadora. Ela se revela no texto, a partir da “seleção” possibilitada pela “decomposição dos sistemas com que o texto se articula, para que, neste processo, deles se desprenda” (ISER, 2002, p. 962).

Umberto Eco (2008a), por sua vez, ressalta que esta é apenas uma possibilidade de busca da *intentio* e aponta duas alternativas para se chegar a ela. Na primeira, “é preciso buscar no texto aquilo que ele diz relativamente à sua própria coerência contextual e à situação dos sistemas de significação em que se respalda” (ECO, 2008a, p. 7); que se diferencia da segunda, voltada para as pulsões do destinatário ou leitor. É a primeira possibilidade que se identifica com o que apresento a partir das ideias de Iser.

Os sistemas contextuais pré-existentes em *Os magros* são de natureza socioculturais. O romance trata das relações de trabalho e da exploração de trabalhadores rurais, praticada pelos proprietários dos meios de produção, valorizando a descrição das condições físicas dos agregados, acentuada pela descrição física dos padrões. O autor não opta por descrever a paisagem bela dos cacauzeiros nas terras da fazenda Fatura, mas a luta pela sobrevivência através do trabalho, luta que, tomada do real, converte-se em objeto da percepção do escritor.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Ressalto, mais uma vez, que a seleção é um ato de fingir, porque delimita os “campos de referências”, transgredindo, assim, as fronteiras do mundo empírico.

A “combinação”, o segundo ato de fingir apresentado por Iser (1996), configura relacionamentos entre os elementos intratextuais, tanto os referentes aos signos verbais, quanto ao mundo introduzido no texto ou, ainda, quanto aos esquemas do texto, segundo os quais as ações e os personagens se mostram. O potencial semântico do texto amplia-se nesse plano. A título de exemplificação, destaco dois pares nominais.

O primeiro par é formado pelos nomes dos personagens centrais do romance de *Os magros*, “João” e “Jorge”. João, o empregado da fazenda Fartura, Jorge, o proprietário. Personagens de vida opostas ao ponto de suas histórias serem contadas em capítulos distintos no romance: os capítulos ímpares são reservados à história de João, os pares, à de Jorge. A semelhança sonora entre os nomes destes dois personagens, ao invés de aproximar, acentua a divergência semântica que marca a posição social ocupada por eles, trabalhador e proprietário, empregado e patrão, respectivamente.

O segundo par corresponde à semelhança sonora (provocada pela aliteração) entre os vocábulos “fome” e “Fartura”. Esta semelhança torna evidente mais uma oposição semântica, já que a fome dos trabalhadores ocorre na fazenda ironicamente chamada de Fartura. A combinação “então funciona como revelação da diferença no semelhante” (ISER, 1996, p. 19).

A oposição semântica é ampliada nas condições sociais das duas famílias: no número de filhos dos magros e na ausência de filhos dos ricos fazendeiros, na relação que João e Jorge têm com suas esposas, no trabalho inumano a que um é submetido e na ociosidade vivida pelo outro, além da estruturação temática dos capítulos do romance.

Os magros possui 39 capítulos curtos. Neles se alternam as histórias de vida de João e de Jorge. O primeiro capítulo é dedicado a retratar as condições de vida da família de João, a moradia, que mais parece uma “toca”, a falta de higiene, os trapos que descobrem os corpos esqueléticos, as condições físicas, a falta de saúde, a fome. O segundo capítulo, que se opõe ao

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

primeiro, tanto nas condições de vida, quanto na posição social, descreve o “palacete” em Salvador em que Jorge vive com a esposa Helena e Rose Marie.

Como os dois primeiros capítulos, todos os demais também retratam o distanciamento entre duas classes sociais opostas, representadas no romance por João e Jorge. Enquanto os magros não têm o que comer, sustentando-se com punhados de farinha e carne seca, ou comendo terra como Aprígio, filho de João, na capital baiana, Jorge e a mulher empanturraram-se nas refeições, ostentando um corpanzil disforme pela gordura. Enquanto o filho do agregado morre sem assistência médica, a boneca Rose Marie “criada” como filha por Helena, mulher de Jorge, tem direito a consultas médicas na residência; enquanto os trabalhadores não têm o que vestir, a boneca possui enxoval completo, cobiçado pelas vizinhas do “palacete”; enquanto a família de João amontoa-se nos buracos que a chuva constrói no casebre, a mansão de Jorge abriga quartos vazios e espaços ociosos; enquanto João trabalha e passa fome com toda a família, juntando dinheiro para comprar um facão, sua ferramenta de trabalho, Jorge sonha em adquirir mais um brilhante para sua coleção.

Fica clara a oposição que se vai tecendo capítulo a capítulo, alternando os espaços físico, social e emocional das duas famílias, cujas vidas estão entrelaçadas (considerando a interdependência entre trabalhadores rurais e donos das terras), mas que nunca se encontram devido ao distanciamento de classe social que se apresenta intransponível no romance.

O terceiro ato de fingir apresentado por Iser (1996) corresponde ao “desnudamento da ficcionalidade”. Como foi dito, o texto ficcional contém partes identificáveis da realidade, que são retiradas do contexto sociocultural através da seleção, entretanto, o ato de transformá-las em signos põe “entre parênteses” essas partes do real. O “sinal de ficção”, historicamente variado dos textos aceitos como literários, marcam a divergência com o real e é concebido através da convenção, de contrato compartilhado entre escritor e leitor. Iser explica:

[...] o mundo representado não é o mundo dado, mas deve ser apenas entendido como se o fosse. Com isso se revela uma consequência importante do desnudamento da ficção. Pelo reconhecimento do fingir, todo o mundo organizado no texto literário se transforma em um *como se*. [...]

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

[...]

[...] a expressão *como se* é adequada, pois ela compara algo existente com as conseqüências necessárias de um caso imaginário. É de se ressaltar que esta atividade deve ter alguma utilidade prática, alguma finalidade: só neste caso, a função imaginativa é *conseqüente*; pois não se trata, sem que haja alguma finalidade, de tomar-se como real algo que é irreal (ISER, 1996, p. 24-26, grifo do autor).

O texto tomado como ficcional permite mostrar que representa algo além, oferecendo as condições para provocar a reação dos leitores ao mundo do texto. Iser leva a refletir se esta não seria uma das funções do texto ficcional. Roland Barthes (2004), por sua vez, descreve o texto de fruição como sendo

[...] aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas e culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem (BARTHES, 2004, p. 20-1).

Esse trabalho com a linguagem não é só tarefa de ficcionistas: os historiadores também se preocupam com o seu uso, principalmente no momento de (re)construir as suas narrativas.

Assim, a relação entre o mundo ficcional e o mundo empírico também interessa aos historiadores. A discussão travada por eles sobre a distinção entre “narrar os acontecimentos” ou “analisar as estruturas” (BURKE, 1992) e a crítica imposta à narrativa dos acontecimentos, talvez ocorra por duas razões: primeiro, por conceber a narrativa como ficção, que se opõe à realidade; segundo, pelo compromisso que a História, como ciência social, tem com o real, não apenas tomado como acontecimento, mas formado por estruturas que merecem e precisam ser analisadas, desvendadas pelo fazer científico. Enquanto essa discussão entre historiadores se trava, é a literatura de ficção que mais dá acesso à maioria das “pessoas comuns” aos fatos ocorridos ao longo da história. É possível observar isto com os romances de Jorge Amado, nas narrativas que se referem ao “eixo Ilhéus-Itabuna”, no Sul da Bahia, publicadas em meados do século XX.

Essas “narrativas que compõem a saga do cacau, a luta pela terra, a exploração dos trabalhadores e o evidente poder dos coronéis” (ANDRADE, 2000, p.202) em Euclides Neto

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

ganha novas feições, considerando que os desbravadores das terras do cacau, coronéis e jagunços, não são os atores principais. No romance *Os magros*, os atores principais são o proprietário do latifúndio, homem formado, morador da capital baiana e os trabalhadores da terra, esfomeados e maltratados pela exploração. A figura do jagunço é substituída pela do administrador do latifúndio, fiel ao proprietário e patrão. Os personagens de *Os magros* são os herdeiros das lutas travadas em *Terras do sem fim*, de Jorge Amado.

Considerando que a natureza do texto ficcional é ser uma *obra aberta* (ECO, 2008b), aumenta seu caráter democrático, uma vez que, desprovida da intenção de registrar o real, aciona o leitor a participar do jogo da autoria, preenchendo os vazios (ISER, 1999) que se vão tecendo na representação simbólica do real. Por outro lado, o texto historiográfico na busca de ser fiel à realidade, pode fechar-se ao leitor, levando-o a não intervir no escrito, questionando ou relativizando a “verdade” ali expressada. Peter Burke (1992) ressalta que muitos historiadores “estão começando a perceber que seu trabalho não reproduz ‘o que realmente aconteceu’, tanto quanto o representa de um ponto de vista particular” (BURKE, 1992, p.337).

A obra ficcional não tem a intenção de retratar fielmente o mundo concebido como real. Ela sugere através dos fatos narrados. Seu propósito diverge das intenções da obra historiográfica, embora tanto esta quanto aquela, através do signo lingüístico escrito, possibilitem o acesso aos acontecimentos vividos pela humanidade, podendo provocar reflexões sobre eles.

É ilusão o leitor pensar que não há diferenças entre o texto ficcional e a realidade empírica. Esta ilusão não está no texto, mas no modo de pensar de cada leitor, que não percebe as marcas do ficcional, como destacou Iser (1996). Se o leitor do texto ficcional mostra-se ingênuo a ponto de tomá-lo como “o real vivenciado”, o que dizer em relação ao leitor do texto historiográfico?

O confronto entre historiadores em relação aos “modos preferidos de explicação histórica” – narração e análise – precisa ser resolvido através da síntese, como destaca Burke

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

(1992), que começa a se esboçar na discussão que se trava entre os modos de escrever a narrativa histórica. A síntese, ao mesmo tempo em que quer “fazer frente às demandas dos historiadores estruturais”, quer apresentar “um sentido melhor do fluxo do tempo do que em geral o fazem suas análises” (BURKE, 1992, p. 338).

Como ressalta Burke (1992), os historiadores não são obrigados a produzir textos literários, entretanto, podem valer-se de técnicas usadas pelos romancistas, como o uso de mais de um ponto de vista e de “finais alternativos”, além de buscar seus próprios caminhos, o que se configura o grande desafio da “escrita da História”.

Aceitar o ficcional como ficção permite entender que seu objetivo vai além de simplesmente representar o real. Por outro lado, tanto a obra ficcional quanto o texto historiográfico, por caminhos que ora se bifurcam ora se entrecruzam, podem contribuir com a “escrita da História”, favorecendo melhor compreensão do passado e das consequências das ações realizadas nele.

Cabe ao historiador perseguir a maneira mais adequada de registrar a história, para que o leitor compreenda que a abordagem realizada, apesar de primar pela pesquisa dos fatos ocorridos em documentos e registros diversos, traduz uma possibilidade de mostrar e analisar os fatos, marcada pela subjetividade, visto que resulta de uma escolha de focalização feita pelo historiador. Da mesma maneira, o leitor deve perceber, na obra ficcional, também marcada pela subjetividade, que “a seleção” dos fatos ocorre a partir da percepção do escritor sobre o real. Este, ao acionar a imaginação e dar-lhe uma forma, combinando signos e estruturas, (re)constrói o mundo.

O mundo (re)construído em *A enxada e a mulher que venceu o próprio destino* parte de sistemas contextuais pré-existentes (ISER 1996) de natureza sociocultural. Dentre os elementos selecionados do real, o texto põe em evidência a decadência da cacauicultura, provocada pela vassoura de bruxa, a migração para a cidade do homem/mulher do campo em decorrência da venda/perda de suas terras ocasionadas pelas dívidas bancárias, pelos períodos sucessivos de seca e pelo declínio da exploração do cacau.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Além dos aspectos mencionados, o romance expõe a condição sub-humana pela qual passam as famílias nas cidades, após deixarem o campo em busca de melhores condições de sobrevivência. Aponta ainda a luta do agricultor, mais precisamente de uma agricultora, para sobreviver no campo, a partir do cultivo da agricultura de subsistência e da aplicação do conhecimento dos antepassados, principalmente quanto ao manejo da terra. Estes são alguns dos elementos extraídos do real presentes no romance *A enxada e a mulher que venceu o próprio destino*. O real deixa sua condição de realidade empírica no momento em que é decomposto e tem alguns de seus elementos selecionados e transmutados em linguagem verbal escrita.

Os elementos selecionados do real no romance *A enxada e a mulher que venceu o próprio destino* são combinados em 45 capítulos curtos para narrar a história de Albertina. O ato de narrar é marcado pela transcrição da oralidade na escrita. O narrador é uma terceira pessoa onisciente, cuja voz, em várias passagens, se imbrica com a voz da protagonista, como ocorre no trecho abaixo e em trechos citados no decorrer do texto:

Albertina estremeceu. Tinha pensado muitas vezes com aquilo, o que achava sempre um absurdo, pelo que afastava a idéia maluca da cabeça. Coisa de gente que não estava girando bem. Não via ser impossível comprar aquelas terras todas? E não desconfiava que o momento mais desejado da sua vida estava tão perto. Não acreditou no que ouviu. Juntara tostão a tostão, imaginando, até sem sentir, que aquela vida regrada e de guardar dinheiro era pra chegar àquele ponto. Ficou atordoada como se tomasse um pancada de olho de machado na cabeça. Via-se agora em Jequié, ouvindo desaforos da patroa, sendo posta pra fora, maltratada. Será que ela imaginava que as pessoas fracas, por mais pobres que fossem, não tinham sentimento? (EUCLIDES NETO, 1996, p. 155).

Como revela a passagem destacada, o uso do discurso indireto livre⁵ e do monólogo interior⁶ ajudam a caracterizar o espaço interior da protagonista de *A enxada e a mulher que*

⁵ “É um discurso híbrido, onde a voz da personagem penetra a estrutura formal do discurso do narrador, como se ambos falassem em uníssono fazendo emergir uma voz ‘dual’. [...] É, pois, um processo suscetível de incorporar no fluxo narrativo o ‘realismo subjetivo’ que pode reger a representação do mundo interior das personagens” (REIS; LOPES, 1988, p. 277).

⁶ “Técnica narrativa que viabiliza a representação da corrente de consciência de uma personagem. [...] Exprime sempre o discurso mental, não pronunciado, das personagens. [...] É um discurso sem ouvinte, cuja enunciação

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

venceu o próprio destino, revelando seus pensamentos e desejos mais ocultos. Outro recurso também usado para retratar este espaço é o uso de figuras de linguagens, entre elas metáforas e comparações. A lua é o elemento selecionado do real que metaforicamente reflete ao longo da trama o interior de Albertina, revelando-a intimamente, na exposição de suas dores e reflexões.

É “a mulher da pele para fora”, como a definiu o autor na orelha do romance sendo mostrada “da pele para dentro”. Embora reconheça que o objetivo do texto não é fazer uma abordagem intimista, psicológica da personagem, como no romance psicológico que talvez o autor busque criticar na contracapa do romance, em diversas passagens da narrativa é possível tomar contato com o espaço psicológico da protagonista, numa escrita rica em recursos estilísticos e poéticos.

No primeiro capítulo, ao narrar a saída de Albertina da cidade de Jequié, a lua reflete o cansaço, o medo e a constatação de que a terra no campo ou na cidade possui proprietários, obrigando a agricultora a fugir sem destino. É possível constatar isto na passagem em que ela e os filhos foram “alumiados por uma lua cansada, que também fugia com medo das estrelas, donas do céu” (EUCLIDES NETO, 1996, p.5).

A lua aparece “cheia bebendo a escuridão”, quando a protagonista encontra alimentos para as crianças, sementes e uma enxada velha, tudo abandonado numa roça próxima à cascalheira onde se instalara. Esta descoberta representa a possibilidade de superar a condição adversa imposta à família. Sementes para o plantio, a enxada para arar a terra, feijão e milho para saciar a fome. Assim, todos ficariam como “a lua cheia”, alimentados, “bebendo a escuridão”, usada como metáfora da fome. Na sequência, reforçando essa imagem, “um cordão de lua entrava pela cumeeira, alumiando molemente o cômodo” (EUCLIDES NETO, 1996, p. 11) e Albertina consegue vislumbrá-lo. A luz destrói a escuridão – fome – e ilumina o cômodo, como a devolver a esperança capaz de fazer a protagonista reconquistar a

acompanha as idéias e as imagens que se desenrolam no fluxo de consciência das personagens” (REIS; LOPES, 1988, p. 266-267).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

dignidade perdida. E é desta reconquista da dignidade da mulher e do homem do campo que o romance trata.

A lua torna-se uma aliada quando Albertina retorna à casa velha e abandonada, sede da propriedade que fora de seus avós e onde morou com eles, os pais, os tios e os dois filhos mais velhos, ainda crianças: “a lua despetalava claridade” e permite à mulher atravessar o mato à noite até chegar ao destino. Neste espaço, ela vê vultos e sombras dos familiares mortos e ouve seus murmúrios. É o retorno ao passado. A descrição da lua neste momento reflete todo o estado de devaneio por que passa a mulher enfrente à antiga morada:

A lua, na sua penitência de subir, depregava-se [sic] dos morros, sorrateiramente. Ficou solta, quase dependurada como u’a manga-rosa madura. Uma nuvem tentou escondê-la. Parece que também o vento a balançou, pois seguia adiante. Quando soprava mais forte, virava vento catingueiro que nem veado na corrida, ajudando os movimentos das criaturas, trazendo vozes até Albertina (EUCLIDES NETO, 1996, p. 122).

“Solta” também estava Albertina, despregada da razão (ou apenas apartada do tempo presente?), deixando-se levar pelo “vento” – momento intenso de recordação e saudade de um passado tranquilo e seguro no espaço familiar. O vento junta-se à lua para compor a cena. Para a agricultora, seus mortos voltavam “nas noites de lua” com a mesma saudade sentida por ela. Quando inicia uma oração de agradecimento a Deus por tê-los vistos, a avó acompanha a prece. Após a oração, “o vento tinha viajado para outras bandas” e juntamente com “a lua [que] entrava líquida pela janela” fez desaparecer os mortos. Nessa passagem, o apelo religioso mais uma vez fica evidente no romance.

A lua retorna novamente para encerrar este momento de reencontro entre Albertina e seus antepassados, escrito com uma linguagem marcada por comparações, sinestesia e personificações, como ilustra a imagem: “Um silêncio claro, da cor da lua, desmanchando-se em luz, entrou também na sala” (EUCLIDES NETO, 1996, p.123). A partir desse momento, a protagonista retorna ao presente, iluminada pela claridade – metáfora da razão, e retoma a objetividade, marca de suas atitudes, passando a avaliar os estragos causados pelo tempo na

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

casa abandonada, planejando uma futura reforma, mesmo a casa e as terras onde ela está localizada não lhe pertencendo mais.

Essa linguagem altamente simbólica contrasta com a usada no capítulo que trata dos desejos sexuais de Albertina. O capítulo 40 possibilita ao leitor recordar-se dos romances naturalistas de Aloísio Azevedo, como *O cortiço*, por exemplo, em que o homem é por vezes comparado a animais, nos momentos em que são descritos seus desejos ou narrados seus atos sexuais. É possível perceber isto nas passagens de *A enxada e a mulher que venceu o próprio destino*:

Mas precisava encontra um macho. [...]
Precisava urinar. Ardia. Abaixou-se. Só uns pingos saíram das suas partes enaloradas. [...]
Chegaria um momento em que elas [as filhas], trabalhadoras, obedientes, acomodadas virariam cabrita de cabo balançando e cachimbo inchado atrás de pai-de-chiqueiro. [...]
Teve vontade de correr nua, de gritar, de rasgar as partes endiabradas, beliscando. [...]
Miraram-se. Nunca se tinham visto antes sentiram o fartum mútuo e enérgico. [...]
Cruzaram com violência, gemendo como animais famintos (EUCLIDES NETO, 1996, p. 143-144).

A lua também se faz presente neste momento da vida da protagonista para marcar o período do mês que se sente atormentada pelo desejo sexual: “Daquele dia em diante, nas quadras de lua, Albertina corria as trilhas”; “Na chagada do crescente, voltava a cruzar”. A lua marca aqui não as lembranças do passado, a saudade e o desejo de rever os familiares, mas o desejo sexual, o momento do cio da fêmea/mulher. Nem o nome do macho/homem com quem pratica o sexo ela quer saber, não apenas pela vergonha sentida após o ato sexual, mas também (e isto faz parte do não dito) para deixar clara a ausência de envolvimento amoroso com seu parceiro, com quem se encontrava “na chegada do crescente”.

Portanto, são quatro momentos importantes para o desenrolar da trama em que a presença da lua é usada simbolicamente para informar o estado em que se encontra a personagem principal: a saída da cidade de Jequié acompanhada pela fome; a descoberta de

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

uma roça abandonada que fornece alimento à família (des)abrigada nas margens da estrada (até então alimentada apenas pelo fruto do umbuzeiro) e o reencontro com a antiga morada da família, espaço que move Albertina no sentido de reconquistar as terras perdidas.

A passagem em que a lua crescente informa o despertar da fêmea/mulher é importante porque permite refletir sobre o papel dessa mãe/mulher abandonada pelo “amásio [que] a largou quando estava prenhe do filho caçula”, definido por ela como “Traste cruzador de uma figa” (EUCLIDES NETO, 1996, p.4). Sozinha, a personagem consegue sustentar os filhos pequenos, ensiná-los a trabalhar a terra, motivá-los para o trabalho árduo e fazer deles parceiros na reconstrução da dignidade da família. Três décadas antes, em *Os magros*, o escritor criara o protagonista João, que não consegue se libertar da opressão. Albertina, sem a ajuda do pai de seus filhos, protagoniza a mudança na vida da família. São duas trajetórias distintas, com desfechos também distintos.

Dessa forma, os romances *Os magros* e *A enxada e a mulher que venceu o próprio destino* deram respostas distintas aos leitores contemporâneos do momento de suas publicações. Em 1961, ano de publicação de *Os magros*, poderiam os trabalhadores rurais protagonizar uma luta pela distribuição igualitária da terra? Os ideais socialistas, que inspiraram as ações do cidadão Euclides Neto, tinham condições, no Brasil agrário da região cacaueteira baiana, de sair do papel pelas mãos dos explorados agricultores sem-terra? O trabalhador rural tinha garantido os direitos trabalhistas, o direito a educação, saúde e moradia? As possíveis respostas a estas perguntas estão inscritas em *Os magros*. Como João poderia, em detrimento de todos os fatores histórico-sociais, empreender uma luta contra o capitalismo que regia os latifúndios do cacau ou, por outro lado, tentar apropriar-se dos meios de produção capitalista, simbolizado no facão, sem ter ao menos suprido a necessidade primordial de alimentação?

O romance *Os magros* tenta responder as indagações do período de sua publicação. Se a realidade agrária não tinha condições históricas de alterar seu curso em plena iminência do golpe militar de 1964, o romance realizou o que era possível realizar: descortinar a opressão

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

do Brasil agrário a partir da focalização na região cacaueteira baiana, evidenciar as contradições entre as classes sociais que vigoram nesse espaço de produção e enriquecimento capitalista e buscar, através da ficção, a adesão dos leitores às críticas a esse sistema fortalecido pela exploração da mão de obra quase escrava do trabalhador rural.

Por outro lado, o romance possibilita conhecer o homem do campo, suas necessidades e anseios, suas dores e desejos, sua revolta contida, seu medo e seu conformismo. O romance evidencia ainda que as leis na região rural atendiam a quem possuía maior poder aquisitivo e a posse das terras não era garantida a quem nelas habitava e produzia, mas a quem se aliava ao poder institucionalizado. Realçou também a falta de compromisso e de ética na garantia à saúde e à educação dos trabalhadores rurais, analfabetos e sem cidadania. No contexto atual dessa leitura, tais problemas permanecem. A diferença se torna evidente nas conquistas sociais dos trabalhadores, que fazem ressoar suas vozes e necessidades, ampliando as discussões em torno das relações trabalhistas, dos direitos que certificam a cidadania no campo e na cidade.

E o romance *A enxada e a mulher que venceu o próprio destino*, publicado em 1996? O que mudou em três décadas para o trabalhador/trabalhadora rural? Apesar da exploração no campo ainda persistir, a lavoura cacaueteira estava em plena decadência por causa da vassoura de bruxa. O romance, de certa forma, responde aos leitores de seu tempo que investir na monocultura não é mais viável, sendo necessário voltar-se para a diversificação de culturas agrícolas. Quem não aprendeu isto, entrou em decadência. O romance aponta como saída para a monocultura cacaueteira decadente – representando todas as monoculturas – o investimento na agricultura de subsistência e familiar.

Sugere também que os latifúndios precisam ser repartidos. A terra, para cumprir sua função social, necessita ser devolvida aos que sabem cultivá-la e têm o conhecimento necessário para fazê-la produzir e produzir não pela exploração da terra e do trabalhador, mas para possibilitar a vida digna aos que nela sabem trabalhar. A diversificação das culturas agrícolas, a agricultura familiar e o acesso à terra são as saídas para o monopólio escravagista

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

que dominou o país desde as mais remotas monoculturas aqui desenvolvidas, como a cana-de-açúcar, o café até chegar ao “fruto de ouro”.

Não bastasse todos esses elementos como resposta às agruras de seu tempo, o romance aborda, na metáfora da ficção, outro tema importante nas discussões de final de século XX e início de século XXI, que vêm sendo inseridas nos debates desde a década de 1960: a posição da mulher na sociedade. O que o romance sugere aos leitores de todos os tempos é que a força e a coragem para ultrapassar obstáculos não dependem de gênero, raça e, por associação, opção sexual. Albertina é uma mulher que não se submete à sociedade patriarcal opressora, representada no romance pelo “traste cruzador de uma figa” pai de seus filhos, pelos policiais que a expulsa dos locais públicos e pelos soldados que atiram em seus filhos mais velhos e espancam os mais novos. Há um desvelamento da cultura opressora masculina, que agride mulheres, crianças e outros homens de classe social desprivilegiada.

É pelas mãos trabalhadoras de uma mulher que luta para alimentar seus filhos e devolver-lhes a cidadania, que homens e mulheres da ficção de Euclides Neto (re)conquistam a dignidade no campo e a identidade agrária negadas pelo contexto histórico adverso. Essa mesma mulher vive também a sua libertação sexual, indo além do sexo como procriação, além da necessidade da figura masculina como provedora do lar. Albertina vivencia sua sexualidade e usufrui dela sem cobrar do homem nada em troca por isso, apenas que exercite a sexualidade livremente, dando vazão aos desejos.

A partir da leitura realizada – continuo arriscando sentidos –, é possível concluir que os romances buscam a adesão do leitor à “causa” do homem/mulher do campo, quer seja pela denúncia dos contrastes socioeconômicos entre os magros trabalhadores braçais e os proprietários rurais, quer seja pela possibilidade de assentamento de agricultores no campo, a partir da determinação da mulher, que não se curva às circunstâncias adversas.

Entretanto, é preciso considerar que a recepção é “um processo de interação”, de “negociação de sentidos”. Sendo assim, o sentido não está somente na intenção ou na motivação do autor ou apenas no “horizonte de expectativas” do leitor (ISER, 1996). O

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

sentido permeia o que o autor conseguiu imprimir na obra, mas não é uma propriedade apenas do texto. Envolve o contexto em que ambos, autor e leitor, estão inseridos e a linguagem usada e, como o contexto é ilimitado, as possibilidades de leitura ampliam-se.

Importa, enfim, que os leitores reflitam sobre duas indagações essenciais no processo de construção de sentidos de uma obra literária: Por que este texto me provoca? Como este texto me provoca? Buscar respondê-las é o desafio maior vivenciado pelos leitores. Para responder à primeira questão, é preciso adentrar na(s) temática(s) sugerida(s) pelo texto, possível(is) de mobilizar um leitor específico. Para responder à segunda, é necessário mergulhar na escritura do texto, na sua linguagem e tessitura. São percursos que se cruzam na tentativa de mobilizar os leitores, transformando-os e levando-os à transgressão, ou, na contramão da contemporaneidade, fazendo-os aceitar a realidade vivenciada, lida ou imaginada.

Ressalto, por fim, que independentemente de fazer parte do cânone literário brasileiro, é interessante perceber no texto ficcional sua capacidade de impulsionar o leitor a (re)pensar questões de seu tempo, mesmo tendo sido escrito em outro momento histórico. Perceber o texto literário como sintoma não textual, mais profundo que os signos que o compõem é o desafio que o leitor pode vivenciar no ato de leitura. É o convite que a produção escrita de Euclides Neto faz aos leitores de todas as regiões brasileiras.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Celeste P. de. Bahias de Amado: a ficção fundando uma nova geografia. In: FONSECA, Aleilton e PEREIRA, Rubens Alves (Org.). *Rotas e imagens: literatura e outras viagens*. Feira de Santana: Uesf, 2000. p.199-208.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução: J. Guinsburg. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sérgio Paulo Sérgio Rouanet. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Obras escolhidas, v.1).
- BURKE, Peter (Org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992.
- COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. 2. ed. Tradução Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2008a.
- ECO, Umberto. *A obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 2008b.
- EUCLIDES NETO. *A enxada e a mulher que venceu o próprio destino*. São Paulo: Littera, 1996.
- EUCLIDES NETO. *Os gêneros*. São Paulo: GRD, 1981. (Coleção Grapiúna, v. 2)
- EUCLIDES NETO. *Os magros*. 2 ed. São Paulo: Guena & Bussius, 1992.
- EUCLIDES NETO. *Os magros*. Salvador: Progresso, 1961.
- ISER, Wolfgang. A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção. Tradução: Maria Angela Aguiar. *Cadernos do Centro de Estudos da PUCRS: série traduções*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 01-47, 1999.
- ISER, Wolfgang. Atos de fingir. In: _____. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Tradução: Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996. p. 13-37.
- ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa (Sel.). *Teoria da literatura em suas fontes*. Introdução e revisão de Luiz Costa Lima. v. 2. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 955-987.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.
- ROCHA, Lurdes B. *A região cacauieira da Bahia – dos coronéis à vassoura-de-bruxa: saga, percepção, representação*. Ilhéus: Editus, 2008.